



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FABIANA ALVES DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO A PARTIR DAS
PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

CAJAZEIRAS - PB

2018

FABIANA ALVES DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO A PARTIR DAS PRÁTICAS DE
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras/Língua Portuguesa, do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras - como
requisito de avaliação para obtenção
do título de licenciado em Letras.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva
Pereira**

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L732c Lima, Fabiana Alves de.
A construção do gênero seminário a partir das práticas de letramento na
educação de jovens e adultos / Fabiana Alves de Lima. - Cajazeiras, 2018.
37f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2018.

1. Linguística do texto. 2. Gênero textual seminário. 3. Letramento. 4.
Texto. 5. Educação de jovens e adultos. I. Pereira, Hérica Paiva. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'42

FABIANA ALVES DE LIMA

A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO SEMINÁRIO A PARTIR DAS PRÁTICAS DE
LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras -
como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado
em Letras.

Aprovado em: 14 / 12 / 2018

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof.^a Me. Leticia da Silva Gonzaga
(EEEFJG - Examinador 1)



Prof. Me. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Primeiramente a Deus, que sempre foi o meu refúgio, me deu forças e me guiou para chegar até aqui. A minha mãe, Maria do Socorro Alves de Lima, e ao meu pai, José de Lima, pelo amor incondicional e por todo o apoio que me deram sempre. Aos meus irmãos, Fernanda, Fernando, Flávia e Fabrícia e aos meus sobrinhos por aturarem todos meus estresses e a minhas amigas e colegas de curso Lara e Thaíse, que estiveram comigo ao longo dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter iluminado cada dia desta conquista e me dado sabedoria nos tempos difíceis.

A todos os meus familiares e amigos que direta ou indiretamente me ajudaram, me incentivando a nunca desistir de nenhum dos meus sonhos.

A Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras – Centro de Formação de professores por ter me dado à chance de cursar Letras – Língua Portuguesa.

A todos os professores da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* Cajazeiras, por compartilharem comigo conhecimento e experiências de vida, contribuindo significativamente para minha formação profissional e pessoal.

A todos os colegas de curso pelas alegrias, angústias e aprendizados que trilhamos juntos.

As amigas que a UFCG me presenteou Lara e Thaíse, por estarem sempre ao meu lado, em todos momentos dessa caminhada.

A Capes, por ter me permitido ser bolsista ID no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

E em especial a minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a. Hérica Paiva Pereira por toda paciência e ensinamentos a mim transmitidos.

Enfim, a todos que estiveram ao meu lado no decorrer dessa caminhada.

"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível."

(Charles Chaplin)

RESUMO

Essa pesquisa destaca a importância do trabalho com o gênero seminário, por se tratar de um gênero que envolve, na sua produção, a oralidade e a escrita, mas também a experiência que o aluno tem de mundo. Nessa ótica, o trabalho tem como objetivo compreender como o gênero seminário é trabalhado a partir das práticas de letramento. Para isso destacamos as contribuições da Linguística Textual e os textos orais e escritos, em particular o texto argumentativo, ao apresentarmos o gênero seminário, trabalhado a partir das práticas sociais do aluno, e um relato da nossa experiência no PIBID. Como aporte teórico nos detemos, especialmente, aos estudos de Koch (2015), Marcuschi (2007, 2008, 2010), Citelli (1994), Vieira (2007), Soares (2012), Kleiman (2007), entre outros. Quanto ao procedimento metodológico, é uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, por querer compreender como ocorre a construção do gênero textual seminário, na perspectiva das práticas de letramento. A pesquisa realizada neste trabalho é fruto de uma inquietação surgida na nossa experiência no PIBID/UFMG, no subprojeto Letras – Língua Portuguesa, em uma turma de EJA Fundamental II, no ano de 2017. Nesta experiência percebemos a grande dificuldade que os alunos têm em desenvolver os gêneros orais, por isso, a opção em construir o gênero seminário a partir das práticas de letramento. Os resultados foram satisfatórios, visto que, algumas dificuldades foram sanadas e o desempenho dos alunos melhorou consideravelmente.

Palavras-chave: Letramentos. Texto. Gênero textual Seminário. Relato de experiência.

ABSTRACT

This paper highlights the importance of working with the genre seminar, in order that it is a genre that involves, in its production, the oral and writing abilities, but also the student's experience of the world. In this perspective, the study aims to understand how the seminar genre is worked from the literacy practices. For this reason, we highlighted the contributions of Textual Linguistics and oral and written texts, in particular the argumentative text, when presenting the seminar genre, worked in the perspective of the student's literacy and social practices, and an experience report about our own practice in PIBID. As a theoretical contribution, we focused, specially, on studies by Koch (2015), Marcuschi (2007, 2008, 2010), Citelli (1994), Vieira (2007), Soares (2012) and Kleiman (2007), among others. As the methodological procedure, it is a bibliographical research, of qualitative character, for wanting to understand how the construction of the textual genre seminar occurs, in the perspective of the practices of literacy. The research carried out in this work is the result of a concern that arose from our experience at PIBID/UFCG, in the Letras–Portuguese Language subproject, in a class of EJA Fundamental II, in the year 2017. In this experience, we perceived the great difficulty that students have in develop the oral genres, therefore, the option to build the seminar genre from the practices of literacy. The results were satisfactory, since some difficulties were solved and the students' performance improved considerably.

Key words: Literacy. Text. Textual Genre Seminar. Experience report.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- MEC - Ministério da Educação
- PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO ENSINO APRENDIZAGEM	15
2.1.1 O texto como instrumento necessário na construção da linguagem	17
2.1.2 O texto argumentativo	19
2.2 O LETRAMENTO NO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA	21
2.2.1 O letramento como prática social	22
2.3 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS	24
2.3.1 Gênero seminário no contexto escolar na perspectiva de Vieira (2007)	27
3 UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO COM ALUNOS DO EJA – FUNDAMENTAL II	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Atualmente é perceptível a dificuldade que o aluno enfrenta ao trabalhar com os gêneros orais. A escola, muitas vezes descarta o trabalho com a oralidade, evidenciando sua prática nos eixos da escrita e da análise linguística, deixando essa modalidade de ensino muito a desejar. Nesse sentido, é extremamente importante estudar os gêneros orais, pois é por meio deles que o aluno passa a desenvolver habilidades e competências para expressar-se nas diferentes situações sociais em que se encontra, mas também em eventos públicos, respeitando a estrutura composicional de cada gênero.

É importante ressaltar que, o estudante quando ingressa na escola, já possui o domínio da oralidade de certo modo, pois sabe falar e muitas vezes tem uma boa desenvoltura quando se comunica com professores e colegas, porém ao encontrar-se diante do público, apresenta certas dificuldades. Por isso, é necessário que o professor tenha presente, em suas atividades cotidianas em sala de aula, o trabalho com a oralidade, que possibilite ao aluno desenvolver melhor suas habilidades e competências, possibilitando-lhe uma melhor desenvoltura em público.

No que diz respeito ao trabalho com o gênero seminário, é perceptível a dificuldade que o aluno enfrenta desde a sua produção até a apresentação, isso porque, o trabalho com esse gênero requer não somente o domínio da oralidade, mas também da escrita. O seminário é um gênero no qual o aluno precisa, antes de tudo, ter o domínio da escrita para poder produzir e organizar seus textos, a partir das pesquisas que realizará. Em seguida, se requer o domínio da oralidade, para que possa ter uma boa desenvoltura e saiba se expressar na hora da apresentação do trabalho em público.

Sabe-se a relevância das práticas de letramento ao se desenvolver atividades com oralidade e escrita, isso porque nessa vertente é de suma importância considerar as práticas sociais de cada aluno, como também os seus valores, a sua cultura e, sobretudo seus conhecimentos prévios.

Nesse contexto, essa pesquisa questiona como é desenvolvido o trabalho com gênero seminário no ensino fundamental II, na perspectiva do letramento, ao considerar a bagagem cultural que cada discente traz para a escola. Sendo assim, vale ressaltar que os livros didáticos, principalmente no 8º ano, apresentam

atividades com o gênero seminário, desenvolvendo tanto a oralidade como a escrita, no entanto percebe-se ainda que muitas dessas atividades estão voltadas para um ensino mecânico e pouco questionador a respeito dos conhecimentos do discente. Não há a preocupação por parte do professor em aprofundar mais a temática abordada e permitir que o aluno possa fazer intervenções com seus conhecimentos, acerca do assunto a ser trabalhado. Portanto, o que o aluno fala, acaba muitas vezes não sendo considerado.

Além disso, é importante considerar as características próprias de cada gênero, que nesse caso seria o seminário. O mesmo é um gênero relativamente padronizado, pois possui uma estrutura composicional própria, que ocorre com a oralização da escrita, ou seja, a apresentação oral baseada em textos escritos. Esse é um trabalho que pode ser realizado em grupos ou de forma individual a partir de um tema pesquisado, que por sua vez dá origem à produção de um texto que será usado como base para a realização da apresentação oral em público. É um processo de ensino-aprendizagem no qual ocorre uma troca de informação, em que professor e aluno e também aluno e aluno constroem conhecimentos juntos, uma vez que todos interagem em sala.

Com o intuito de contribuir para o debate e fornecer mais informações sobre o trabalho com o gênero seminário no ensino fundamental II, o presente estudo tem como objetivo geral compreender como esse gênero é trabalhado a partir das práticas de letramento. Para isso é importante destacar as contribuições da linguística textual no ensino aprendizagem, evidenciando o texto argumentativo; apresentar os gêneros orais e escritos assim como o gênero seminário; descrever a importância do letramento e as práticas sociais do aluno e finalmente, apresentar um relato de experiência do trabalho com o gênero seminário na perspectiva das práticas de letramento no EJA - Fundamental II.

Para fundamentar este trabalho nos baseamos principalmente em Koch (2015), Marcuschi (2008), Citelli (1994), Vieira (2007), Soares (2012), Kleiman (2007), entre outros. Esses estudiosos contribuíram para o desenvolvimento do trabalho no que se refere aos conhecimentos teóricos linguísticos acerca da Linguística Textual (LT), bem como do processo de letramento e definição dos gêneros textuais orais e escritos, mais especificamente do gênero seminário. Enquanto a metodologia é uma pesquisa bibliográfica, embasada em livros, e

trabalhos acadêmicos já publicados, de cunho qualitativo porque busca compreender como ocorre a construção do gênero textual seminário, na perspectiva das práticas de letramento.

O presente trabalho está subdividido em três capítulos. No primeiro temos a introdução do estudo, em que apresentamos todos os elementos constitutivos da pesquisa aqui desenvolvida, dando uma ideia global do trabalho realizado.

No segundo capítulo abordamos a fundamentação teórica da pesquisa, que consta das contribuições da LT para o processo de ensino aprendizagem, evidenciando o conceito de linguagem e de texto. Além disso, destacamos o texto argumentativo como ferramenta que conecta linguagem e pensamento ao produzir sentido. Em um segundo momento, apresentamos a história do Letramento no Brasil e as suas contribuições, no que diz respeito, ao uso das práticas sociais do aluno.

Logo depois, expomos os conceitos e funções dos gêneros textuais orais e escritos, em especial o gênero seminário no contexto escolar, na perspectiva de Vieira (2007).

Por fim, no terceiro capítulo apresentamos um relato de experiência, realizado em 2017 no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Língua Portuguesa – Canteiro de Linguagens do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras-PB, em que trabalhamos o gênero seminário, na perspectiva do letramento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA TEXTUAL NO ENSINO APRENDIZAGEM

Nesse capítulo trataremos das concepções de LT e suas contribuições no ensino aprendizagem, que envolve o texto como instrumento necessário na construção da linguagem.

De acordo Koch (2015), a LT teve sua fase inicial por volta da segunda metade da década de 1960 até meados da década de 1970, tendo como sua principal preocupação, o estudo dos mecanismos interfrásticos, responsáveis pelo sentido do texto e que fazem parte do sistema gramatical da língua. Ainda nessa primeira fase surgiu a preocupação em construir gramáticas textuais, partindo da ideia de texto como sendo simplesmente a unidade linguística mais alta.

Segundo a estudiosa, muitos pesquisadores da LT se dedicaram ao estudo da construção de gramáticas textuais, e outros pesquisadores deram uma orientação semântica às suas pesquisas. Nesse sentido, os linguistas de texto, com o decorrer de suas pesquisas, perceberam a necessidade de uma abordagem além da sintático-semântica, passando assim a adotar uma perspectiva pragmática, tendo em vista que o texto é a unidade básica da comunicação humana, pois é por meio do texto que nos comunicamos. Com isso a LT deixou de estudar a língua como um sistema autônomo e passou a estudar o seu funcionamento em todos os processos de comunicação.

Ainda para Koch (2015) na década de 1980 surgiu uma nova orientação nos estudos acerca do texto, tornando perceptível que para realizar qualquer ação, é necessário que a pessoa que vá agir possua processos de ordem cognitiva, ou seja, a pessoa deve possuir na sua mente processos de operações e tipos de operações. Nessa perspectiva, o texto começou a ser considerado como decorrência de processos mentais em que, para que haja, qualquer situação de comunicação é necessário utilizar os conhecimentos e experiências acumulados acerca das atividades da vida social do indivíduo.

A autora afirma que, com o tempo começou a ser questionada a exterioridade e a interioridade, presentes nas ciências cognitivas. Só a partir daí passou a ser

considerado nos textos, o que ocorre dentro e fora da mente do indivíduo, no processo de construção do texto em si e da construção do sentido. Dessa forma, além das ações cognitivas são levadas em consideração as ações sociais.

A LT está em constante evolução e com isso surgem sempre novos questionamentos, que geram novas pesquisas e, assim novas informações em relação ao estudo do texto, que por sua vez trazem muitas contribuições para o processo de ensino aprendizagem.

No que diz respeito às contribuições que a LT traz para o processo de ensino aprendizagem, podemos observar que, a mesma tem como objeto de estudo o texto e suas ações linguísticas, portanto leva em consideração a sua organização, a produção, a compreensão e seu funcionamento no meio social. Essas ações cognitivas e sociais do texto contribuem para o processo de ensino aprendizagem, pois auxiliam no conhecimento do indivíduo em relação ao texto e no enriquecimento do nível de produção escolar.

Para Marcuschi (2008), a LT, atualmente, está voltada tanto para a produção como para a compreensão de textos orais e escritos, diferentemente de quando surgiu, ao se preocupar apenas com os textos escritos, em que o único processo era o de produção. Desse modo, a LT não trabalha com partes isoladas que não produzem sentidos, como fonemas ou morfemas, mas sim com o texto como um todo, que são unidades de sentido.

O estudo acerca da LT surgiu a partir de uma necessidade nos estudos da língua. Como afirma Marcuschi (2008, p. 73):

A motivação inicial da LT foi a certeza de que as teorias linguísticas tradicionais não davam conta de alguns fenômenos linguísticos que aparecem no texto. E estes fenômenos eram resumidos numa expressão quase mágica: relações interfrásticas. Constatava-se que certas propriedades linguísticas de uma frase só eram explicáveis na sua relação com uma outra frase, o que exigia uma teoria que fosse além da linguística da frase.

Para o pesquisador, a LT está situada nos domínios da linguística e lida com fatos da língua, levando em consideração a sociedade na qual essa língua está inserida, tornando assim a Linguística Textual mais ampla que a tradicional, pois a mesma lida com um número maior de fatos.

Ainda segundo o estudioso, nas aulas de Língua Portuguesa na perspectiva da LT, o estudo deve privilegiar a produção variada e as contextualizações na vida diária, deixando de ter um estudo voltado apenas para regras. Portanto, com os estudos da LT, o texto parou de ser estudado apenas quanto ao seu aspecto formal e passou a ser estudado levando em consideração os processos de produção, recepção e interpretação dos textos, trazendo assim inúmeras contribuições para o processo de ensino aprendizagem.

2.1.1 O texto como instrumento necessário na construção da linguagem

A linguagem é o sistema pelo qual o indivíduo se comunica, tanto por meio da fala, quanto da escrita e outros signos convencionais como, por exemplo, a linguagem verbal e não verbal. Portanto, a linguagem é o reflexo da liberdade da fala, da escrita, etc, que pertence a vários domínios, entre os quais podemos citar o social e o individual.

Segundo Martelotta (2010), Jakobson estipulou que a linguagem possui uma variedade de funções que se responsabilizam pela comunicação. Essas funções são: função referencial que consiste em levar informações do remetente para o destinatário, ou seja, seu principal objetivo é informar algo e está centrada no contexto, como por exemplo, as notícias de jornais; função emotiva que consiste em mostrar na mensagem a emoção que o remetente sente ao expressar algo. Um exemplo é quando, em determinada situação, alguém se machuca e fala um palavrão; função conativa que possui influência sob o destinatário e tem o intuito de convencê-lo. Um exemplo é a propaganda; função fática que incide em começar, prolongar ou finalizar a comunicação e está centrada no canal, como é o caso do uso do telefone, ao dizer alô; função metalinguística que utiliza a linguagem para falar da própria linguagem, ou seja, um meio falando de si mesmo. Esta função está centrada no código e um exemplo é um poema que fala do próprio poema; por fim temos a função poética em que o eixo da seleção se projeta sobre o eixo da combinação, ou seja, o emissor está preocupado com a mensagem que será transmitida, portanto essa função está centrada na mensagem, como por exemplo, os versos com sons e rimas repetidos.

Como afirma o autor, essas funções não encontram-se isoladas, porque o falante ao utilizar a linguagem para se comunicar, combina as funções de acordo com as regras sintáticas da língua e, por isso em uma mensagem podemos identificar a presença de várias funções juntas.

Para Koch (2010, p. 10, grifo da autora), ao levarmos em consideração que a língua é vista como um simples instrumento de comunicação e o sujeito que se comunica como sendo determinado pelo sistema, “[...] o **texto** é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado”.

A linguagem é um processo de interlocução constituído por sujeitos em sua situação social e histórica. Segundo Guimarães (2009, p. 95):

Essa concepção admite que a linguagem é uma atividade, uma forma de ação interindividual orientada para determinados fins; e é um lugar de interação, onde sujeitos, membros de uma sociedade, atuam uns sobre os outros, estabelecendo relações contratuais, causando efeitos, desencadeando reações.

Segundo a autora, a linguagem é vista como algo subjetivo, pois é expressa por sujeitos que são dominados por propósitos e finalidades já definidos, ou seja, é usada com um intuito de que os outros sejam convencidos, persuadidos por essa linguagem.

Para Antunes (2010), a partir do momento que abrimos a boca para falar isto pode ser considerado um texto, ou seja, em qualquer situação de comunicação quando falamos ou escrevemos, são sempre textos. Assim sendo, todo texto é expressão de algum propósito comunicativo. Nesse sentido, todo texto para existir possui um interlocutor, um parceiro, onde os dois produzem o texto em conjunto, em parceria, considerando assim que o texto que construímos é como forma de responder a uma pergunta realizada por outro. A estudiosa considera também que, um texto para ser construído segue uma orientação temática, ou seja, é construído com base em um tema específico.

Nesse contexto, um conjunto de palavras para ser considerado um texto precisa de algumas propriedades, que são: a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. As condições de efetivação do texto são: a intencionalidade, que remete ao interlocutor, o qual só fala algo que seja coerente; a aceitabilidade,

que também remete ao interlocutor, na qual o ouvinte empreende tudo que é necessário para entender e aceitar o que está escrito no texto e a situacionalidade que é uma condição para o texto existir.

De acordo com Koch (2010), o texto é o local onde existe a interação entre sujeitos sociais que se constituem no texto de forma dialógica. Por isso, no processo de leitura desses textos os sujeitos realizam um procedimento de interação entre autor, texto e leitor para que possam ser construídos os sentidos.

Ainda para a estudiosa, para um texto ser compreendido e ser realizada uma boa leitura do texto, devemos compreender vários aspectos materiais, fatores linguísticos e o conteúdo que o texto aborda.

Na perspectiva de Marcuschi (2008) o texto pode ser descrito como um tecido estruturado, uma entidade de significação, de comunicação e que reconstrói o mundo no qual está inserido, ou seja, o texto é visto como um evento comunicativo, um ato de comunicação unificado. Dessa forma, o texto é um evento comunicativo, no qual são convergidas várias ações, pois é um sistema de conexão entre diversos elementos que é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, um evento interativo composto de elementos multifuncionais.

Portanto, trabalhar com o texto em sala de aula, é imprescindível para a construção da linguagem, já que essa utiliza o texto como um instrumento para essa comunicação, através de um processo de interação social e de intenção comunicativa.

2.1.2 O texto argumentativo

Segundo Citelli (1994), o texto argumentativo é designado como sendo a modalidade onde é exercida, com maior vigor, a persuasão, por meio da linguagem que é uma forma de ação. Existem diversos mecanismos estruturadores do texto argumentativo, que são: ponto de vista; coerência textual; coesão textual; posto/pressuposto; inferência/subentendido e tópicos de argumentação, os quais através deles torna-se possível desenvolver para identificar nas palavras dos homens algumas circunstâncias do mundo.

No texto argumentativo, a linguagem não é vista apenas como instrumento utilizado para veicular ideias, pois linguagem e pensamento estão unidos e um só pode manifestar-se através do outro, produzindo sentido. A linguagem, portanto, é muito importante para a produção de significado e o principal requisito para que possa haver comunicação.

O ponto de vista é muito importante na argumentação, pois o mesmo é um dos aspectos asseguradores da unidade do texto. Em relação à construção do ponto de vista, segundo Citelli (1994, p. 17), “eles decorrem de experiências que acumulamos, leituras realizadas, informações obtidas, do desenvolvimento da capacidade de compreender e, sobretudo, ‘traduzir’ para outras pessoas aquilo que desejamos dizer”. Sendo assim, o ponto de vista é formado quando emitimos opiniões, orientados por concepções que levam em consideração as circunstâncias econômicas, sociais e culturais, ou seja, se formam através de outros referenciais teóricos e que revelam uma posição diante de algum problema, e que são capazes de nos fazer acreditar na pertinência desse ponto de vista.

Para o autor, outro mecanismo estruturador do texto argumentativo é a coerência textual. Portanto, para que um ponto de vista seja sustentado, devem ser realizadas pesquisas acerca do tema, escrever seguindo uma estrutura própria e o uso das frases devem estar bem articuladas, tornando o texto coerente e persuasivo para os leitores.

Outro mecanismo segundo Citelli (1994) é a coesão textual, a qual é formada com o uso de elementos que fazem relação entre palavras, entre frases e entre períodos, que melhoram a expressividade do enunciado. As conjunções utilizadas na coesão são marcas muito importantes para a criação dos textos. Ainda para o estudioso outro mecanismo é a argumentação e o diálogo textual, por vivermos em diálogo com discursos circundantes, no qual dialogamos com outros textos, onde buscamos sempre elementos para fundamentar nossos pontos de vista. Quanto maior esse diálogo, mais somos capazes para compreender os argumentos que temos acesso e para produzir os nossos argumentos baseados neles.

Para o autor, além dos mecanismos estruturadores do texto argumentativo, aqui apresentados, existem outros, que são: posto/pressuposto, que consiste em posto como sendo o que vem expresso de forma clara no enunciado e o pressuposto como sendo algo que não está explícito, mas que funciona como

referência para o que vai ser desenvolvido no texto; inferência/subentendido, que consiste em inferência como sendo a que possibilita a criação das relações lógicas no texto e o subentendido como algo que não está expresso no texto, mas que é sugerido pelo mesmo. Por último temos os tópicos de argumentação, que são os métodos para o desenvolvimento dos efeitos argumentativos. Todos esses mecanismos também são responsáveis por construir os efeitos persuasivos e pelo convencimento do leitor. Todos esses mecanismos devem ser trabalhados em conjunto, para que se possa produzir um texto argumentativo.

Portanto, o texto argumentativo é a modalidade na qual é exercida a persuasão e que se realiza por meio de diversos mecanismos estruturadores, que devem combinar de acordo com as exigências para a produção textual. Os textos argumentativos são textos que expõem ideias e buscam convencer o leitor sobre a validade dessas informações expostas no texto.

2.2 O LETRAMENTO NO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA

Nesse capítulo trataremos das concepções de letramento como prática social, que envolve atividades orais e escritas, em diálogo com as experiências do aluno, na busca de novos conhecimentos.

Segundo Soares (2012), a palavra letramento apareceu pela primeira vez em Língua Portuguesa no ano de 1986, em um livro escrito por Mary Kato. Essa é a tradução de uma palavra inglesa *literacy*, que é definida como a condição de ser letrado, diferentemente da tradução apresentada nos nossos dicionários que a definem como a pessoa que sabe ler e escrever, mas que também domina o uso da leitura e da escrita de forma competente e que faz isso com frequência.

A palavra letramento ainda não tem um significado específico, pois a mesma não foi dicionarizada, no entanto Soares (2012), afirma que a melhor forma de atribuir um significado ao termo letramento é considerar a etimologia da palavra, o que chega a uma definição de letramento como consequência de ensinar a ler e escrever o que um grupo social ou um indivíduo adquire ao se apropriar da escrita.

O letramento surgiu no Brasil da necessidade de alfabetizar melhor nossos alunos através da leitura e da escrita, mas com o passar do tempo tornou-se

perceptível que, somente aprender a ler e escrever, não é suficiente para que o aluno obtenha as competências necessárias para utilizar a leitura e a escrita na sociedade, ou seja, não sabem como usá-las fora da sala de aula. Foi então que o letramento surgiu como o fenômeno que busca trabalhar a leitura e a escrita, por meio de práticas sociais.

2.2.1 O letramento como prática social

De acordo com Kleiman (2007), o letramento é visto como prática social no ensino da leitura e da escrita e está mais voltado para a realidade do aluno. Este considera a sua cultura, seus conhecimentos prévios, valores, crenças, etc., com o propósito específico de prepará-lo a fazer uso de suas práticas do cotidiano, tanto para a sala de aula, quanto para fora dela.

Desse modo, o letramento no Brasil atende a uma nova realidade a qual a sociedade se inseriu recentemente, pois antes o ato de ler e escrever era algo que era aprendido apenas de forma mecânica e obrigatória, sem levar em consideração os conhecimentos de mundo dos alunos e os contextos de produção.

A partir das afirmações feitas por Marcuschi (2007), o letramento é a utilização da leitura e da escrita como práticas sociais e não somente como algo que ocorre de maneira mecânica. O letramento é descrito como a escrita desenvolvida em qualquer ambiente, em que a oralidade é utilizada no dia-a-dia e a alfabetização como o letramento mais formal, desenvolvido no ambiente escolar.

Nesse contexto, Kleiman (2007) defende que a escola é descrita como o ambiente no qual o letramento realmente deve ser trabalhado, para que o aluno possa ser preparado para participar dessas práticas sociais. Vejamos o que diz a autora a respeito.

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (KLEIMAN, 2007, p. 4).

Sendo assim, o letramento é uma prática social de ensino que tem como objetivo, viabilizar a comunicação social entre os envolvidos, que trabalham com leitura e escrita em conjunto e que são práticas inseparáveis dos contextos nos quais estão inseridos. Ele é visto como práticas sociais nas quais o aluno alfabetizado, ou seja, que sabe ler e escrever, vai aprender a utilizar nos mais diversos ambientes e com competência, a leitura e a escrita que aprenderam na sua alfabetização.

Para a autora, devemos tomar as práticas sociais como ponto de partida e de chegada do letramento. Para isso o professor deve começar a planejar suas aulas seguindo uma estrutura diferente, em que os conteúdos para serem trabalhados, devem seguir uma ordem mais adequada ao uso que se queira dar, possibilitando aos envolvidos aprendizados diferentes.

Ainda para a estudiosa, o trabalho com o letramento como práticas sociais, possibilita ao aluno perceber que a escrita e a oralidade são heterogêneas, porque considera pessoas de diferentes grupos sociais aos quais pertencem, grupos esses que possuem cada um suas características específicas. Nesse sentido, é importante considerar que:

[...] os estudos do letramento nos mostram, e isto é muito importante para a reflexão curricular, que os eventos de letramento exigem a mobilização de diversos recursos e conhecimentos por parte dos participantes das atividades. Isso significa que alguns eventos de letramento voltados para a resolução de alguma meta da vida social criam, sem dúvida alguma, inúmeras oportunidades de aprendizagem para os participantes, todas elas diferentes entre si, segundo as diferenças existentes entre os indivíduos participantes. (KLEIMAN, 2007, p. 15).

Para Kleiman (2007) é importante destacar também que, ao assumir o letramento como o principal objetivo do ensino devemos partir da ideia mais social de leitura e escrita unidas, desempenhando diversas funções e como práticas discursivas que são inseparáveis, diferente da ideia mais tradicional de que leitura e escrita são individuais e portanto estudadas separadamente, mostrando assim a diferença de estudar as mesmas seguindo uma concepção social e o estudo individual de ambas.

No que diz respeito ao letramento e à oralidade, esses possuem uma grande relação entre si, pois como afirma Marcuschi (2007), ambos são vistos como práticas

sociais ou práticas discursivas, portanto os dois são utilizados tanto no âmbito escolar como na sociedade. Para uma melhor compreensão vejamos o que diz o autor:

[...] podemos dizer que a oralidade diz respeito a todas as atividades orais no dia-a-dia, e as atividades de letramento dizem respeito aos mais variados usos da escrita, inclusive por parte de quem é analfabeto. Mas toma um ônibus, usa as cédulas de dinheiro, acha uma rua, telefona digitando o número e identifica os produtos em supermercados. Letramento é uma expressão que hoje vem se especializando para apontar os mais variados modos de apropriação, domínio e uso da escrita como prática social e não como uma simples forma de representação gráfica da língua. O letramento volta-se para os usos e as práticas, e não especificamente para as formas, envolve inclusive todas as formas visuais, como fotos, gráficos, mapas e todo tipo de expressão visual e pictográfica, observável em textos multimodais (MARCUSCHI, 2007, p. 35).

Outro ponto relevante nos eventos de letramento é que o aluno atribua sentido ao que lê e ao que escreve, dando assim ao professor a possibilidade de focar em conteúdos específicos ao trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula, ou seja, não trabalhar essas modalidades sem nenhum propósito específico.

Desta forma podemos afirmar que o letramento é descrito como práticas sociais que ocorrem por meio de situações de comunicação e que trabalham como oralidade e escrita de forma conjunta, atividades essas desenvolvidas com propósitos específicos e nos diversos ambientes, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. O letramento é um processo que ocorre de forma gradual e se processa rumo ao infinito, porque ele começa com a família, depois nos diferentes níveis da escola e na vida de cada ser humano, pois cada dia podemos aumentar nosso grau de letramento.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Nesse capítulo trataremos sobre conceitos e funções dos gêneros textuais orais e escritos, abordando de forma mais aprofundada.

Partimos da concepção de que gênero textual é o nome dado ao conjunto que abrange os gêneros orais, e os escritos, gêneros esses que são estudados e

desenvolvidos em sala de aula iniciando no ensino fundamental e perdurando por toda a vida escolar e acadêmica do aluno.

Os gêneros textuais são elementos históricos que possuem ligação com a vida social e cultural do indivíduo. De acordo com Marcuschi (2010), tais gêneros são abertos, maleáveis, plásticos porque podem ser moldados, mesmo tendo suas estruturas e características, e estão sempre abertos a mudanças, podendo assim adaptar-se a cada situação comunicativa.

Na visão de Rojo e Cordeiro (2011), os gêneros textuais são a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental. A afirmação desse princípio reafirma-se cada vez mais, por meio dos diferentes programas e propostas curriculares organizados pelo Ministério de Educação (MEC), como por exemplo: Mais educação, que são oficinas de aprendizagem e entretenimento, entre elas têm as oficinas de Letramento e Matemática; Ideb - avaliação a nível nacional para avaliar o aprendizado do aluno de todo país; Prova Brasil – avaliação do rendimento escolar na área de Língua Portuguesa e Matemática e o Projeto jovem leitor - maleta com diversos livros paradidáticos para incentivar a leitura do aluno.

Dessa forma, podemos afirmar que é através dos gêneros textuais que a língua se organiza nas diversas situações de comunicação, sejam elas oral ou escrita, apresentada sob a forma de variados textos.

Gêneros orais são todos os textos de comunicação oral, que se desenvolvem desde fora do âmbito escolar, até dentro da escola, ocorrendo por meio da aquisição e desenvolvimento da oralidade. Exemplos desses gêneros são: o seminário, o debate, a discussão em grupo, entrevista de emprego, fofoca, recados (social e familiar), bronca (repreensão), conselho, discussão (bate-boca, briga), reclamação, lamento, alerta, brinde, cantiga de ninar, discurso, exéquias, juramento, provérbio, nota de falecimento, convite, acusação, agradecimento, atendimento (por exemplo: por secretárias, telefonistas), recados (em secretárias eletrônicas ou pessoalmente) etc. Vejam o que diz Dolz; Schneuwly e Haller (2011, p. 126):

[...] o domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam. Salvo em casos bem particulares, aprende-se a falar antes de se aprender a ler e a escrever. A maioria das crianças possui um domínio muito bom do oral quando entra para a escola. Conversam com seus pares sobre sua família, contam acontecimentos vividos de maneira sofisticada, discutem problemas de sua época, pedem informações de forma

(mais ou menos) adequada ou persuadem seus pais com estratégias sutis.

Essa realidade podemos constatar na fala da maioria de crianças e adolescentes que possuem boa desenvoltura e espontaneidade para falar com pessoas mais próximas, na convivência diária, porém isso não quer dizer que, em ocasiões mais formais possuam a mesma destreza e habilidade para desenvolver-se, pois além de, muitas vezes apresentarem timidez, não conseguem expressar-se bem.

Como afirma Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros orais não é tão amplo como a escrita, no entanto é um estudo mais recente. Esses são gêneros que devem ser mais trabalhados nas escolas, pois fazem ligação com o conhecimento comum dos falantes, a partir de situações concretas, como o contexto de produção e estão sempre ancorados em situações cotidianas.

Nos últimos anos, nas escolas, o trabalho com os gêneros orais está sendo mais valorizado, no entanto o número de atividades com a escrita ainda é bem maior. Isso é motivo de preocupação, porque oralidade e escrita devem ser trabalhadas conjuntamente, de forma a preparar o aluno a expressar-se nas diferentes situações sociais que encontra no seu dia a dia. Para confirmar esse pensamento, Dolz; Schneuwly e Haller (2011) afirmam que o trabalho com o oral ainda é bastante dependente da escrita para existir, pois o mesmo não possui autonomia em relação a ser um objeto para se trabalhar em sala de aula.

No que diz respeito ao trabalho com os gêneros textuais escritos, estes se apresentam na modalidade escrita da língua e se materializam nas várias circunstâncias, como o porquê de escrever, para quem foi escrito e como determinado gênero é escrito. Os gêneros escritos são de bastante relevância tanto no estudo de Língua Portuguesa, como também no dia a dia das pessoas, pois são através deles e dos gêneros orais que elas se comunicam.

No nosso dia a dia, o uso os gêneros na modalidade escrita acontece com muita frequência e, isso acaba influenciando na existência de um número maior de gêneros escritos do que orais, como afirma Marcuschi (2008, p. 207), “[...] há muito mais gêneros na escrita do que na fala, o que é de certo modo surpreendente, mas explicável pela diversidade de ações linguísticas que praticamos no dia-a-dia na modalidade escrita”.

Com as mudanças que vão aparecendo, entre elas as tecnológicas, surgem também novos gêneros escritos, como por exemplo: o *e-mail*, o *blog*, o *facebook*, etc., que tem por base outros gêneros já existentes como a carta, o bilhete, etc. Nesse contexto percebemos o quando estes gêneros são maleáveis e sujeitos a mudanças, dependendo das exigências da época em que vivemos.

O trabalho com os gêneros escritos, como ressalta Marcuschi (2009) é algo mais comum, pois esses gêneros estão bastante presentes nas culturas letradas, e por isso são incontáveis. Alguns desses gêneros são: carta, lista de compras, poema, relatório científico, resenha, currículo, artigo de opinião, conto, e-mail, diário, biografia, curriculum vitae, manual de instruções, edital, receita culinária, bilhete, verbete de enciclopédia, entrevista, esquema, resumo de artigos, notícia, crônica, novela, etc., gêneros esses que estão muito presentes no cotidiano das pessoas.

No que diz respeito a sua estrutura composicional, cada gênero segue uma estrutura específica, como os modos típicos de organização do texto, as partes que o compões, como as mesmas estão distribuídas, etc. Cada gênero possui também um conteúdo temático específico, tendo formas certas para se tratar cada tema e possuem também um estilo.

Ao distinguir gêneros orais e escritos isso deve ser feito com cautela e clareza, pois existem gêneros que foram escritos, mas são usados oralmente, como é o caso de rezas como ladainha, novena, etc., pois ao rezar as pessoas realizam isso oralmente e não por escrito.

Portanto, os gêneros orais e escritos estão interligados e o trabalho com os dois torna o Ensino de Língua Portuguesa mais eficaz e produtivo, pois assim o aluno aprende a escrever textos de acordo com o gênero ao qual pertence, levando em consideração a estrutura e todos os elementos que o compõem, como também, aprende a expressar de forma oral os textos com uma boa desenvoltura e com mais propriedade.

2.3.1 Gênero seminário no contexto escolar na perspectiva de Vieira (2007)

O seminário, segundo Vieira (2007) é considerado uma semente que espalha o conhecimento, ou seja, uma forma de semear o conhecimento, por isso, através

dele é possível disseminar a informação, os conhecimentos, a ciência, os valores, etc.

O gênero seminário é visto como uma das técnicas de ensino e aprendizagem que são mediadores entre professor e aluno e que com isso podem melhorar o ensino e também a relação pessoal entre ambos. Ainda segundo o autor:

As técnicas de ensino e aprendizagem são, pois, instrumentos mediadores entre o professor e o aluno, e essas intermediações podem ser variadas, estando ora mais centradas no professor, como na exposição oral e na individualização, como no ensino programado, ou na socialização do aluno, como é o caso do seminário, do debate, da discussão e dos trabalhos em grupo de uma forma geral. É possível concluir que as técnicas são elos intersubjetivos que fundam possibilidades de relações entre professor e alunos, sujeitos sociais, culturais e históricos, considerados em suas situações concretas; elas estão a serviço do processo de ensino, e não o contrário; elas não são autossuficientes, não dão conta de tudo, mas se integram e podem incorporar outros elementos constitutivos do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o seminário, como técnica de ensino, implica trabalho em grupo, discussão, estudo dirigido, exposição e debate, podendo ainda servir de instrumento de avaliação do aluno pelo professor (VIEIRA, 2007, p. 25-26).

Para a estudiosa, esse é um processo que parte da produção do seminário, desde o planejamento, a pesquisa, as anotações, a produção do texto escrito, o treino, até a apresentação oral, processo no qual são trocadas informações e ocorre o processo de ensino-aprendizagem, em que professor e aluno aprendem compartilhando conhecimento.

O seminário ocorre de uma forma bem detalhada, rígida e por meio de situações específicas como ressalta a autora. Por isso ele é um gênero que permite materializar textos tanto da modalidade oral, quanto da modalidade escrita, seguindo uma estrutura que tem como função a aprendizagem e a construção do conhecimento de forma conjunta, ocorrendo sempre em um ambiente específico, que é a sala de aula.

Vale ressaltar que é muito comum depositar nos professores de Língua Portuguesa a responsabilidade de ensinar o que é um seminário, como fazer, etc., pelo fato de os mesmos trabalharem com gêneros orais e escritos. Os seminários são considerados gêneros ensináveis, porém não cabe somente aos professores de língua portuguesa trabalhar com este gênero, pois os seminários são objetos de

ensino, que facilitam no compartilhamento do conhecimento de todas as áreas estudadas. Portanto, cabe aos professores das mais diversas áreas abordar o gênero seminário e produzir o mesmo em conjunto com a turma, para que assim o conhecimento seja construído de uma forma mais produtiva e o aluno passe a produzir os seminários com mais frequência e com mais facilidade.

Os seminários são vistos como eventos comunicativos que têm início, meio e fim, e ocorrem com frequência na escola. Através deles, os alunos passam a participar mais ativamente das aulas, gerando uma comunicação entre aluno e professor, em que as aulas são mais produtivas e dinâmicas.

Segundo Vieira (2007), no seminário existem várias práticas de letramento, as quais dentro dos eventos de letramentos, alguns elementos são visíveis, como os participantes que interagem em torno do texto, as ambientações que são as circunstâncias onde ocorre interação, os artefatos que são utensílios utilizados na interação. Além disso, existem as atividades que são as ações que os participantes exercem e outros elementos que são invisíveis, como os participantes implícitos que são outras pessoas que estão envolvidos em várias relações de textos, o domínio da prática onde o evento de letramento ocorre, os outros recursos que estão incorporados nas práticas de letramento e as rotinas estruturadas e caminhos que facilitam as atividades desempenhadas.

Dessa forma, o professor deve trabalhar cada vez mais com os alunos o uso da linguagem oral, nos mais diversos ambientes, e esse trabalho pode ser realizado muitas vezes por meio dos seminários, pois como afirma Vieira (2007, p. 129):

Os seminários, de uma maneira geral, sempre foram vistos e estudados como um evento tipicamente oral, a exemplo das aulas expositivas, e, portanto, como uma instância naturalmente relacionada ao desenvolvimento de competências/habilidades orais dos alunos.

Portanto, o trabalho com o gênero seminário, no contexto escolar, acaba por muitas vezes desenvolver várias capacidades dos alunos, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita, pois com a produção do seminário o aluno desenvolve a habilidade de discorrer em público com mais facilidade e também desenvolve a habilidade de escrever textos bem fundados, que são usados na apresentação dos seminários.

3 UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO COM ALUNOS DO EJA – FUNDAMENTAL II

Introdução

Nas escolas públicas o trabalho com o gênero seminário no Ensino Fundamental II, acontece, muitas vezes, de uma forma mínima e sem levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos. No livro didático só é sugerido trabalhar com o seminário a partir do oitavo ano e o professor, muitas vezes, não considera importante as inferências dos alunos no uso de suas práticas sociais.

Durante a nossa atuação como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), subprojeto Língua Portuguesa – Canteiro de Linguagens, do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *campus* de Cajazeiras-PB, no ano de 2017, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dom Moisés Coelho, situada na cidade de Cajazeiras-PB, atuando em uma turma do EJA, a qual era o Ciclo IV B, que correspondendo ao 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II.

Por isso, no intuito de colaborar com o trabalho com o gênero seminário no Ensino Fundamental II, na perspectiva do Letramento, nas aulas de Língua Portuguesa, procuramos de forma clara e objetiva, traçar metas para a compreensão e para o desenvolvimento dessa atividade, de modo que os alunos possam ter um maior contato com o gênero, sanando assim as suas dificuldades e que possam utilizar seus conhecimentos prévios fazendo inferências no seu trabalho.

Dessa forma, o trabalho com o gênero seminário no Ensino Fundamental II, a partir das práticas de Letramento, tornou-se possível melhorar o desenvolvimento do aluno tanto na oralidade, quanto na escrita, permitindo que o ele fizesse intervenções, levando em consideração suas práticas sociais, sua bagagem cultural, seus valores e seus conhecimentos prévios.

Inicialmente nas reuniões do PIBID, com a presença da coordenadora da UFCG, os supervisores das Escolas e nós bolsistas, preparamos e apresentamos seminários acerca de alguns gêneros orais e de sequência didática, etc. Após isso

cada dupla de bolsistas, fez sua própria sequência didática, para trabalhar um gênero oral em uma turma no PIBID.

No nosso caso, escolhemos o gênero Seminário para trabalharmos tanto a oralidade como a escrita no que diz respeito à temática da “Variação linguística”.

Desenvolvimento

A primeira atividade consistiu na explicação do conteúdo Variedades Linguísticas. Para isso, realizamos a discussão sobre o conteúdo com o uso de alguns slides, exemplificando sempre as variantes da língua e questionando os alunos a respeito do assunto. Em seguida utilizamos um vídeo intitulado “Variações Linguísticas” para explicar melhor a temática, buscando sempre relacionar as variações linguísticas com questões históricas e sociais.

Após encerrarmos a discussão acerca do conteúdo Variações Linguísticas, passamos para a discussão do gênero seminário. Começamos sondando os conhecimentos prévios dos alunos, perguntando o que eles entendiam por seminário, e se já haviam apresentado algum seminário. Posteriormente foi entregue para a turma um texto sobre o que é um seminário e como elaborá-lo.

Realizamos a leitura do texto e a partir dele foi explicado o que é um seminário, como se constitui, como deve ser realizado o desenvolvimento do gênero, desde sua produção, até sua apresentação, levando em conta a pesquisa, a produção do texto escrito e a construção dos slides. No final, realizamos um ensaio do seminário.

O QUE É UM SEMINÁRIO?

Dentre os gêneros textuais que tem como foco principal a oralidade, está o Seminário.

Ele pertence à categoria vinculada à exposição com base na transmissão de conhecimentos específicos (técnicos ou científicos) a respeito de um assunto relacionado à determinada área do conhecimento.

É comum que muitos de nós já tenhamos participado de um seminário, não é mesmo?

Não somente na escola é que ele acontece, mas também no meio acadêmico e no profissional, podendo ser apresentado individualmente ou em grupo.

Assim como a escrita requer procedimentos específicos para realizá-la, os textos expositivos também não fogem à regra. Por isso é de fundamental importância que saibamos a maneira correta de nos portarmos diante de um seminário, como

também nos inteirarmos de todos os seus elementos constitutivos. Atentemo-nos para a técnica de planejamento:

Antes de tudo, é preciso que o(S) apresentador (ES) domine o assunto que será abordado apoiando-se numa pesquisa bastante informativa, como jornais, livros, Internet, revistas especializadas, vídeos, e outros.

Produção de um esquema contendo informações sucintas que nortearão o discurso do apresentador.

Realização de ensaios prévios no objetivo de evitar certas falhas que poderão comprometer a qualidade do trabalho apresentado.

Procurar enriquecer o conteúdo com recursos audiovisuais, tais como: cartazes, apostilas, retroprojeter, datashow, microfone, entre outros.

Só lembrando que para o planejamento devem ser levadas em consideração as características do público-alvo, como faixa etária, tipos de interesse, expectativas e conhecimentos prévios em relação ao tema em questão.

No momento da apresentação é imprescindível o uso da linguagem formal, pois certos hábitos da linguagem oral do tipo: Né? Tipo Assim, Ahnn... prejudicam a fluência na exposição.

A postura do apresentador é fator relevante, o mesmo deve evitar gestos excessivos, expressões faciais que não condizem com a situação, manter o tom da voz num ritmo bem articulado de modo a não se tornar monótono. E, sobretudo, permanecer de frente para a plateia.

1. Deve-se apresentar material impresso com o tema desenvolvido. No caso de textos literários, resumo da biografia do autor, do texto em questão e da ideia central do texto. Deve haver um trecho do texto, escolhido pelo grupo como central, sobre o qual se deve fazer uma leitura em voz alta.

2. Faça um roteiro do que será falado (incluindo os temas do texto). No caso de ser um texto literário: resumo sobre autor, estilo, obra e temática problematizada da obra em questão.

3. Faça um roteiro de leitura (escrito), com síntese dos momentos lógicos essenciais do texto.

4. Bibliografia: no caso da literatura, dicionários, obras clássicas de abordagem da história da literatura, etc.

Apresentação

Após uma pequena introdução feita pelo professor, segue-se a apresentação, com o professor passando a palavra ao seminarista ou ao grupo de seminaristas, que devem ter conhecimento das partes previamente divididas entre si.

Devem-se ter posturas críticas e conclusões pessoais. Quanto mais pessoal for, maior a contribuição dada à sala. Em literatura, a interpretação é fundamental: "o salto para além do texto" (o que o texto quer dizer...).

Recursos audiovisuais

A linguagem predominante em um seminário é a verbal. Isso não significa que não se possa fazer uso de outros recursos, como os audiovisuais, por exemplo. Retroprojeter, filmes, slides, cds e datashow podem (e devem!) ser usados numa apresentação, desde que não substituam a exposição oral. Lembre-se de que tais recursos são apenas apoios.

Postura do(s) apresentador(es)

O apresentador deve falar em pé, com o esquema nas mãos, olhando para o público como um todo, devendo permanecer sempre de frente para a plateia, mesmo quando usar a lousa, o retroprojeter ou o datashow.

A fala do apresentador deve ser modulada, ou seja, alta, clara, bem articulada e com entonação variada, para que a explicação não fique monótona.

Se consultar o roteiro, o apresentador deve fazê-lo sem baixar excessivamente a cabeça, para que a voz não se volte para o chão, prejudicando, assim, a audiência.

O apresentador deve se mostrar seguro do tema estudado. Além disso, estar atento ao tempo previsto para sua apresentação.

A oralidade

Embora a modalidade usada nos seminários seja, obviamente, a falada, recomenda-se que o apresentador evite certos usos da linguagem oral, tais como os marcadores conversacionais né?, tá?, ahn..., pois, devido ao fato de o seminário ser uma atividade mais formal, tem-se a predominância da variedade padrão da língua, havendo, assim, certa proximidade com a escrita.

Últimas considerações

Prepare tudo como se fosse assistir ao seu próprio seminário.

Prepare tudo como se os ouvintes fossem alunos que nada sabem sobre o conteúdo.

Não leia fichas apenas, mas apresente após decorar, treinar, ensaiar.

Ignore o professor e fale para a plateia.

Jamais apresente o seminário se não estiver a par de todos os tópicos, incluindo o vocabulário (no caso da literatura, sobretudo o vocabulário do texto).

Dificuldades enfrentadas pelo grupo podem fazer parte das conclusões.

Pesquisa sobre: Seminários: Como elaborar e apresentar? **Jorge Viana de Moraes, Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/seminarios-como-elaborar-e-apresentar.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. "**O Seminário - O que é e como realizá-lo?**"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/o-seminarioque-e-como-realizalo.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Depois realizamos a divisão das equipes para os seminários em três: variação histórica, variação sociocultural e variação geográfica e, explicamos para a turma que seriam essenciais as intervenções dos alunos, levando em consideração os conhecimentos prévios, as práticas sociais, a cultura e os valores de cada um.

Sugerimos que os alunos utilizassem o computador para produzir seus

seminários, no entanto muitos não sabiam como manuseá-lo, foi então que levamos um professor de informática para dar uma aula sobre o computador e os programas utilizados, mais especificamente o PowerPoint, para que os alunos pudessem fazer seus próprios slides.

Para a realização da pesquisa, levamos os alunos para a sala de informática da escola e pedimos que reunissem as equipes para fazerem as suas pesquisas sobre o tema que iriam trabalhar. Como eram três equipes, dividimos nós bolsistas e a supervisoras e cada uma ficou responsável por orientar uma equipe.

Com a pesquisa realizada, foi a hora da produção escrita, na qual as equipes escreveram os textos para utilizar como base para a apresentação oral.

Após produzirem seus textos escritos, levamos os alunos novamente para a sala de informática e fomos produzir com eles os slides, com explicações sobre os temas, textos para exemplificar, vídeos, etc.

Depois de tudo pronto foi realizado o ensaio para a apresentação, no qual cada equipe, separada do restante da turma, apresentava o seu trabalho para nós bolsistas e para a supervisora, como forma de perder a vergonha, falar melhor em público, ter uma boa postura e uma boa desenvoltura na hora da apresentação do seminário para a turma.

Finalizamos o trabalho com o gênero seminário com a apresentação do seminário para a turma inteira, em que cada equipe tinha um determinado tempo para apresentar o seu trabalho. Utilizaram os slides como forma de auxílio na sua apresentação, e também os vídeos que, eles mesmos haviam baixado do youtube e, além de utilizarem seus conhecimentos prévios e práticas sociais acerca do assunto, abrindo espaço também para que o restante da turma pudesse fazer inferências nos trabalhos apresentados.

Conclusão

A vivência possibilitou aos discentes uma nova experiência no campo do ensino, uma vez que viabilizou o trabalho com o gênero seminário em uma turma do Ensino Fundamental II. Nesse sentido, foi possível perceber que os alunos podem desenvolver um bom seminário na perspectiva das práticas de letramento.

No entanto, no decorrer do processo, apresentaram-se algumas dificuldades, em relação à apresentação do seminário, pois alguns alunos não gostam de falar em público e ficam muito nervosos, etc., porém são algumas dificuldades que podem ser sanadas, gradativamente, ao trabalhar com os gêneros orais com mais frequência.

Nesse sentido, nós bolsistas possuíamos um grande desafio, uma vez que o público-alvo além de ser alunos do Fundamental II que não tinham convívio com o gênero seminário se tratava, em sua maioria, de trabalhadores que vão à escola, após um dia inteiro dedicado ao trabalho, pois era uma turma de EJA. Diante disso, o resultado do trabalho desenvolvido foi bastante satisfatório, pois o desempenho da turma foi muito bom, o crescimento e aprendizado dos alunos foi bem visível, porque no final muitas das dificuldades que existiam no início já não existiam mais.

Por fim, constatamos que a vivência com o gênero seminário no Ensino Fundamental II, na perspectiva do letramento nos propiciou uma nova forma de pensar em relação ao trabalho com esse gênero e como o mesmo deve ser desenvolvido, visto que o letramento possibilita este diálogo contínuo entre as práticas sociais do aluno e os novos conhecimentos adquiridos na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a compreender como o gênero seminário é trabalhado a partir das práticas de letramento. Para isso buscamos entender como o texto atua como instrumento necessário na construção da linguagem, destacando em especial o texto argumentativo, como é designado e suas características.

No que diz respeito ao letramento, esse foi o maior norteador desta pesquisa, pois nos propomos a trabalhar com o gênero seminário nessa perspectiva. Nesse sentido trabalhamos com a história do letramento no Brasil, quando e como surgiu e com o letramento como prática social, envolvendo atividades orais e escritas, dialogando com as experiências do aluno, seus valores, sua cultura e, seus conhecimentos prévios, na busca de novos conhecimentos, pois como afirma Kleiman (2007) o letramento é uma prática social no ensino da leitura e da escrita, que está voltado para a realidade do aluno.

Foi muito importante refletimos sobre os gêneros textuais orais e escritos, abordando de uma maneira mais aprofundada o gênero seminário. Nesse contexto pudemos constatar que é possível trabalharmos esse gênero, fazendo uma ponte entre os novos conhecimentos que o aluno adquire na escola, como é o caso da estrutura composicional do gênero, os contextos de produção e temáticas diversas que podem ser trabalhadas, com as práticas sociais do aluno. Essas se referem a toda a bagagem cultural que cada aluno traz de suas experiências de vida, como também sua visão de mundo, seus valores, crenças, etc.

Percebemos também que, essa heterogeneidade da sala de aula, composta por alunos com visões de mundo e experiências de vidas diferentes, proporciona uma riqueza para a aprendizagem, em que um aprende com o outro ao compartilhar seus conhecimentos. Reafirmando essa concepção, Vieira (2007), diz que o seminário é uma semente utilizada para espalhar o conhecimento, sendo um gênero oral visto como uma das práticas de ensino aprendizagem. Isso pudemos perceber na experiência realizada com o gênero textual seminário na perspectiva do letramento, com alunos do EJA - Fundamental II, realizada no PIBID/UFCG, no período de 2017.

Nessa experiência pudemos verificar a importância do planejar as atividades, a serem trabalhadas em sala de aula, para que essas tenham êxito. Esse foi o caso

da sequência didática que desenvolvemos sobre a temática das variações, dado que havia muito preconceito linguístico por parte dos alunos.

A turma era composta por adultos de diferentes graus de letramento e ainda estava muito arraigada a ideia do certo e do errado, ao falarmos uma língua, mesmo se muitos não sabiam usar a norma culta. Com o estudo das variações foi possível entender e desmistificar que a Língua Portuguesa é heterogênea e não é falada como se escreve. Esta está em constante modificação e é falada de diferentes modos, dependendo da região, cultura, etc. Além da variação linguística trabalhamos a produção textual, assim como, a reescrita e a apresentação oral do seminário, o que resultou um bom desempenho por parte dos alunos.

Desta forma, acreditamos que o trabalho com o gênero seminário na perspectiva do Letramento em sala de aula, pode ser uma ferramenta atrativa, que proporciona ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades e competências linguísticas orais e escritas, tanto na leitura, como na produção de seus seminários, levando em consideração seus conhecimentos prévios em relação ao assunto trabalhado.

Portanto, os objetivos da pesquisa foram alcançados, destacando a relevância social e acadêmica que este trabalho comporta ao trazer para a prática docente o conhecimento de mundo do aluno para ser dialogado com os novos conhecimentos adquiridos na escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Noções preliminares sobre o texto e suas propriedades. In: _____. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. cap. 2, p. 29-44.

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. cap. 6, p. 125-152.

GUIMARÃES, Elisa. Discurso: definição e extensão. In: _____. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 87-123.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. Leitura, texto e sentido. In: _____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010. cap. 1, p. 9-31.

_____. **Introdução à linguística textual: Trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita como práticas sociais. In: _____. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. cap. 11, p. 95-97.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. cap. 1. p. 19-38.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funções da linguagem. In: _____. **Manual de linguística**. 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 31-35.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 7-16.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VIEIRA, Ana Regina Ferraz. **Seminários Escolares: gêneros, interações e letramentos**. 1. ed. Recife: Universitária da UFPE, 2007.